



O que aconteceu em setembro?

Notícias do Brasil e do mundo

Tempo de leitura: 5min

Argentina

O Fundo Monetário Internacional (FMI) informou que receberá no mês de outubro, em Washington, o ministro da Fazenda da Argentina, Hernán Lacunza. O governo quer negociar um novo pacote de ajuda financeira, então pediu ao FMI que reestruture o crédito de US\$ 57 bilhões concedido no ano passado em troca de um plano de austeridade. O fundo vem sendo muito criticado por ter concedido o maior crédito da história a um país cuja capacidade de honrar com suas dívidas está muito comprometida. Grandes instituições financeiras e renomados economistas do mundo todo apostam em um default para os primeiros pagamentos, programados somente para 2021. A crise no país sul-americano, perpetuada por uma inflação acumulada de 54% nos últimos 12 meses, não é nada animadora para os investidores.

Somado a isso, a economia argentina sente ainda mais os efeitos da recessão com a incerteza eleitoral que acontece hoje. As eleições primárias de 11 de agosto apontaram Fernández (candidato de centro-esquerda) como favorito para a votação de outubro, o que gerou uma desvalorização de 30% do peso argentino e uma queda expressiva da bolsa de Buenos Aires nos últimos dias. Para conter tal desvalorização do câmbio, o Banco Central argentino limitou a compra de dólares feita por pessoas físicas e exigiu que as empresas estrangeiras liquidem no mercado local as divisas obtidas em transações externas. Ao mesmo tempo, a autoridade monetária elevou a taxa mínima de juros das Letras de Liquidez (Leliq) de 58% para 78%, visando conter o aumento desenfreado dos preços dos produtos.

Arábia Saudita

Em 14 de setembro aconteceu o ataque à Saudi Aramco, que afetou a maior refinaria e segundo maior campo de petróleo da Arábia Saudita, comprometendo a produção do país líder em exportação do produto. Os ataques foram reivindicados pelo grupo de rebeldes iemenitas Houthis, que são apoiados pelo Irã no conflito que acontece no Iêmen, e geraram grande oscilação no mercado internacional da commodity. Os Estados Unidos acusam os Iranianos de envolvimento nas ações, o que acaba aumentando a tensão entre os países e deteriorando ainda mais a conturbada relação entre eles. Após os ataques de drone, houve a redução pela metade da produção de petróleo do país árabe (que representa 5% da oferta mundial) resultando em aumento nos preços.

Na segunda-feira (16), a cotação do barril chegou a subir 15,5% nos EUA, a maior alta em uma sessão desde 22 de junho de 1998, quando acontecia a Guerra do Golfo. Além disso, no mesmo dia, as ações da Petrobrás valorizaram em média 4,5% (considerando ações ON e PN) e, após ter dito que seguraria o preço do combustível por aqui, a empresa já mudou de ideia e informou que elevará o preço médio do diesel nas refinarias em 4,2%, e da gasolina em 3,5%. Apesar dos danos, o presidente executivo da Aramco afirmou que a capacidade total de produção foi recuperada no dia 25, porém, os reparos nas unidades de tratamento acarretaram perda da capacidade de refinamento, exportação e limpeza de uma parcela do petróleo que está sendo produzido.

Taxa de juros

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu reduzir a taxa básica de juros (Selic) de 6% para 5,5% ao ano, em linha com a expectativa do mercado. O novo patamar é o menor da série histórica, mas o comitê ainda avalia que a inflação está em um nível confortável. O COPOM ponderou ainda que o contexto de desaceleração da economia global, aliado à baixa de juros nas principais economias, vem produzindo um ambiente relativamente favorável às economias emergentes, como o Brasil. Porém, o governo entende que o cenário externo continua incerto.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve (FED), Banco Central Americano, decidiu reduzir pela segunda vez consecutiva a taxa de juros do país. Atualmente, ela opera em um intervalo de 1,75% e 2%. O Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc) justificou que, apesar do consumo das famílias estar crescendo, os investimentos ficaram estáveis e as exportações enfraqueceram, exigindo um corte nos juros.

Na Europa, o Banco Central Europeu (BCE) reduziu ainda mais as taxas de juros. As taxas de depósitos passaram de -0,4% para -0,5%, ou seja, uma aplicação de 100 euros em títulos públicos com essa taxa negativa terá, no final do período de um ano, apenas 99,50 euros disponíveis para resgate. O intuito é diminuir o nível de poupança da população e colocar mais moeda em circulação. O BCE entende que ainda há espaço para os cortes nas taxas de juros devido à baixa inflação, que atualmente se encontra próximo de 1%, mas ainda longe da meta de 2% da autoridade monetária.

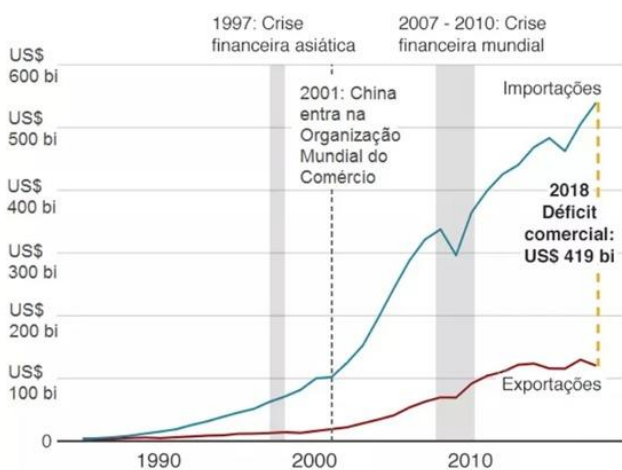
Guerra Comercial

Na penúltima semana de setembro, o governo norte-americano isentou mais de 400 produtos chineses que ganharam tarifas em julho, agosto e setembro do ano de 2018. Tal atitude foi feita após diversas empresas dos EUA solicitarem a suspensão dessas tarifas, alegando que tal imposição geraria perturbações na economia, como aumento de custos de matérias-primas.

Apesar do progresso, o fim das negociações entre Estados Unidos e China parece não parece chegar tão cedo. Donald Trump declarou não ser necessário um acordo antes das eleições no próximo ano. Como justificativa, ele disse que “[o acordo] poderia ser feito rapidamente, mas não seria o correto. Tem que fazer as coisas direito. É um acordo complicado, especialmente na proteção à propriedade intelectual”.

Além de acusarem os Chineses de roubar propriedade intelectual, os EUA desejam que a China faça mudanças em suas políticas econômicas. Eles querem que o país asiático interrompa o favorecimento das empresas nacionais por meio de subsídios que são considerados ilegais pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Segundo um estudo de 2013 do escritório King & Spalding, a China possuía mais de 3000 tipos de programas de subsídios para desenvolver a indústria do país.

Para Trump, essas práticas desfavorecem os EUA, que registrou mais um ano seguido de aumento no déficit comercial com o gigante asiático. A partir de 2001, momento em que a China entrou na OMC, o saldo das exportações e importações cresceu vertiginosamente a favor do país oriental, resultando em um déficit na balança comercial americana que chegou a 419 bilhões de dólares em 2018.



Fonte: Censo dos EUA

BBC

De acordo com o último relatório da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a

economia global passa por um processo de desaceleração, com taxas de crescimento em níveis

baixos desde a crise de 2008. Para evitar a armadilha de um crescimento fraco, a economista-chefe, Laurence Boone, sugere até mesmo o aumento dos gastos públicos, principalmente nos países com superávit comercial e orçamentário.

CPMF

Com a justificativa de compensar uma queda na arrecadação em função de uma possível desoneração da folha de pagamentos, a equipe econômica do governo cogitou criar o Imposto sobre Transações Financeiras (ITF), um tributo nos moldes da extinta Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). A proposta incluía a cobrança de 0,4% sobre saques e depósitos em dinheiro e 0,2% para transações financeiras.

Entretanto, de acordo com os tweets do presidente Jair Bolsonaro, a ideia de recriar o imposto não seguirá adiante. A volta da CPMF, além de ser caracterizada como estelionato eleitoral, poderia contribuir para o aumento da taxa de reprovação do governo, uma vez que durante a campanha eleitoral o presidente defendeu veemente a redução da carga tributária.



Jair M. Bolsonaro

@jairbolsonaro

Ignorem essas notícias mal intencionadas dizendo que pretendemos recriar a CPMF. Não procede. Querem criar pânico pois estão em pânico com nossa chance de vitória. Ninguém aguenta mais impostos, temos consciência disso. Boa noite a todos!

50,3 mil 20:54 - 19 de set de 2018

A tributação do ITF é cumulativa, ou seja, incide sobre todas as etapas da cadeia de produção, aumentando significativamente o preço do produto. Devido a isso, o imposto sofre diversas críticas, principalmente por esse efeito cumulativo atingir as classes mais pobres. Nesse sentido, para manter o apoio de sua base eleitoral, o governo deve buscar alternativas menos impopulares para aumentar a arrecadação e, consequentemente, reduzir os déficits fiscais.